

José Eduardo Barreira de Melo
(2º ano do Fundamental),
aluno do Vital Brazil.



VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 1 / nº 1 / 1º trimestre letivo de 2017

Uma escola que vibra

Suely Nercessian Corradini, diretora pedagógica do Vital Brazil, apresenta a revista **ViBRA** para os leitores.

O que é a revista ViBRA e o que podemos esperar dela?

A revista **ViBRA** é o novo canal de comunicação do Colégio Vital Brazil com pais e alunos. O nosso objetivo é apresentar ideias, valores, projetos e pessoas que fazem o nosso Colégio. Vamos explicar fundamentos de projetos pedagógicos, celebrar e analisar conquistas de alunos e trazer informações do interesse das famílias. O que eu espero é que o leitor possa enxergar o que acontece, na prática, no Vital Brazil. Claro que será um recorte do dia a dia, mas esse recorte será expressivo o suficiente para que os pais tenham a noção de como seus filhos se desenvolvem ao longo de toda a escolaridade.

Por que ela se chama ViBRA?

Primeiro, há a inspiração óbvia nas sílabas iniciais do colégio. Além disso, esse nome remete à ideia de celebração de conquistas, que é o resultado natural de um ensino forte, mas também à ideia de alegria, que é parte muito importante do espírito que queremos promover e que eu vejo se manifestar em nossos alunos, pais e professores. Ensino forte não significa severidade, sisudez. O Vital é alegre, vibrante, e a revista refletirá isso. E ainda há o sentido de vibração como agitação, pulsação, que reflete uma escola em movimento, em constante busca de evoluir.

ViBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL

Além de matérias específicas a este ou àquele ciclo da Educação Básica, a revista tem duas seções de abordagem distinta.

O que é a seção Trilhas?

Uma das coisas mais importantes que queremos marcar com este projeto é que ensino forte não se restringe ao Ensino Médio. Ser aprovado em boas faculdades é apenas uma das consequências de um percurso que se faz ao longo da infância e da adolescência, em direção a um projeto de vida. Esse projeto depende de valores, conhecimentos, habilidades – cognitivas e não cognitivas – que precisam ser promovidos desde a Educação Infantil. Essa seção

ressaltará esse aspecto fundamental de percurso, de trilha, que é a formação integral de um ser humano.

E a seção Horizontes, a que se refere?

Essa seção diz respeito a ex-alunos e, eventualmente,

professores que desenvolvam trabalhos interessantes no campo do conhecimento já em nível de Ensino Superior: projetos de iniciação científica, pesquisas, teses. Por um lado, ela enfatiza essa continuidade da formação do aluno à qual me referi antes, que não se encerra na escola; por outro, ela serve de inspiração para nossos alunos transporem o que aprenderão aqui – o conhecimento acadêmico, a postura de valorização do saber, a autonomia, a iniciativa e a perseverança na busca de seus sonhos – para a vida lá fora.



Como elaborar um projeto científico?

Por
**João Batista
Petucco e
Saulo Roberto Diz,**
professores
de Biologia do
Vital Brazil.

1 Escolha um tema relevante e viável.

Um projeto científico normalmente responde a uma necessidade atual (ex.: controlar a população de *Aedes aegypti* numa comunidade). E sempre deve ser viável, com uma hipótese testável – por experimento controlado e replicável – de acordo com os recursos disponíveis.

2 Delimite o foco para expandir possibilidades.

Não tente “abraçar o mundo”, como buscar “a cura do câncer”; existem centenas de tipos de câncer. Uma pesquisa com foco bem definido (a fisiologia da glândula de peçonha de uma espécie de serpente) pode ser combinada com outras (a composição química do veneno, sua ação no organismo humano) para gerar resultados (um soro eficaz).

4 Saiba distinguir ciência de pseudociência.

Desconfie de descobertas maravilhosas e alegações extraordinárias (“veja o que os cientistas não querem que você saiba”). O método científico evita afirmações categóricas e estimula refutações. Uma hipótese não confirmada, afinal, também tem validade científica, como um caminho que outros já não precisam percorrer.

5 Registre rigorosamente e divulgue.

O registro (Diário de Bordo) e a divulgação de todos os aspectos de um experimento são fundamentais para que ele possa ser questionado e replicado em iguais condições. Só assim ele poderá ser comprovado ou refutado.

3 Utilize fontes de informação confiáveis.

Privilegie periódicos tradicionais de divulgação científica (*Scientific American*, *Ciência Hoje*), bibliotecas selecionadas (SciELO, Google Acadêmico) ou artigos produzidos pelas próprias entidades de pesquisa (IBGE, Fapesp). Verifique as fontes utilizadas pela grande imprensa, como a reputação dos autores citados (produção acadêmica, onde foram publicados, número de citações).

Sem perder a ternura

No Vital, a força do ensino vem desde cedo; o acolhimento também.

“Ensino forte não é incompatível com uma escola calorosa e acolhedora”. É isso o que a diretora pedagógica do Vital Brazil, Suely Nercessian, vê todos os dias quando caminha pelos corredores do Colégio. E é isso o que Káthia Kobal ouve de pais de alunos já nas primeiras semanas: “Algumas famílias chegam receosas de que o Vital seja uma escola muito grande ou rígida demais para crianças mais novas, mas esse receio logo se desfaz; elas veem os filhos felizes e bem-cuidados, por profissionais que os tratam com respeito e carinho; elas veem que o aluno não é só um número”, diz Káthia.

Com 24 anos de carreira em Educação, Káthia entrou este ano no Vital Brazil. Assistida por Renata Weffort, Glaucy Alencar e, desde maio, também por Cybele Zancarli, ela coordena a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I. Segundo a coordenadora, falar em força do ensino significa olhar para cada etapa da educação de maneira distinta e saber do que cada uma precisa. “Nós preservamos as especificidades da infância”, diz. “Se no Ensino Médio o grande desafio é o vestibular, aqui o ‘frio na barriga’ pode vir de pular corda, por exemplo”. É papel do Colégio, explica ela, ajudar o aluno a alcançar os marcos de desenvolvimento de cada faixa etária.

O exemplo da corda pode parecer simples, mas não é. Em primeiro lugar, mesmo nas brincadeiras mais des-

contraídas há uma intencionalidade pedagógica. “Não é brincar só por brincar. Se o professor pede para o aluno rastejar no chão, numa aula de Educação Psicomotora, não é porque é ‘legal’, mas porque ele quer trabalhar movimentos específicos e noções espaciais da criança”, diz Suely, citando uma das disciplinas que o Colégio oferece além da base nacional curricular (*v. quadro*).

Em segundo lugar, a ludicidade, de fato, ocupa papel central na proposta pedagógica da Educação Infantil. Nessa faixa etária, o lúdico tem igual importância às atividades de pesquisa (processos de questionamento e reflexão sobre o mundo, experimentos) e ao aprendizado de linguagens (capacidade de ouvir, de compreender e de se expressar por meio da língua, da música, do corpo, etc.).

“A palavra-chave é experiência”, diz Renata Weffort, coordenadora assistente da Educação Infantil. “Até por volta do 1º ano, a criança não sistematiza muito seu aprendizado em conceitos abstratos. Ela ainda absorve o mundo como uma série de descobertas concretas – cognitivas, emocionais ou sociais. Então, quanto mais experiências de contato com o mundo você proporcionar à criança, melhor”. Tais experiências vão desde um grande acervo de literatura infantil até a prática de jogos e atividades na piscina, um dia de plantação na horta ou uma aula com instrumentos de percussão. Ou uma simples brincadeira de pular corda com os colegas.



Raio-X da Educação Infantil e do Fundamental I

EQUIPE

- **KÁTHIA KOBAL, coord. pedagógica:** graduada em Pedagogia e Letras, com mestrado em Língua Portuguesa e especializações em Psicopedagogia, Comunicação e Letras e Didática.
- **RENATA WEFFORT, coord. assistente (Infantil e 1º ano):** pedagoga com mestrado e doutorado em Educação Infantil.
- **GLAUCY ALENCAR, coord. assistente (Fund. I):** pedagoga com especialização em Didática e Tendências Pedagógicas.
- **CYBELE ZANCARLI, coord. assistente (Fund. I):** pedagoga com especialização em Gestão Educacional e Psicopedagogia.

- 1 auxiliar de coordenação
- 34 professoras regentes
- 10 professores especialistas
- 45 estagiárias
(1 estagiária fixa por sala até o 2º ano)

CURRÍCULO DIFERENCIADO (além da base nacional comum)

Infantil e 1º ano: Inglês, Música, Educação Psicomotora, Orientação Alimentar, Higiene e Recreação.

Fund. I: Inglês, Música, Computação, Xadrez.

INFRAESTRUTURA

- **Prédio exclusivo** da Educação Infantil e 1º ano, com pátios coberto e descoberto, quadra e brinquedoteca.
- **Todas as salas com recursos multimídia.**
- **2 piscinas** cobertas e aquecidas (menor: até Pré I; maior: do Pré II em diante).
- **Sala de Arte (Infantil), Estúdio de Arte (Fund. I), Sala de Xadrez (Fund. I), Laboratório de Informática (Fund. I), Horta, Laboratório de Ciências, Biblioteca com espaço infantil.**
- **Salas de Inglês exclusivas,** com coordenação própria.

ASSESSORIAS EXTERNAS

- **Matemática:** Grupo Mathema (mathema.com.br).
- **Língua Portuguesa:** Maria José Nóbrega, mestre em Filologia e Língua Portuguesa.
- **Ciências:** Experimenta (abramundo.com.br).

A variedade de experiências importa, mas não só. Há método nessa abordagem pedagógica, que envolve o trabalho com projetos interdisciplinares. Em linhas gerais, as professoras elegem um tema “guarda-chuva” por trimestre, que motiva discussões, pesquisas, brincadeiras e experimentos gerais. No Pré II, por exemplo, os projetos Vida no Mar (1º trimestre), Ervas e Temperos (2º) e Grande ou Pequeno (3º) são motes para aulas diversas, de Natureza e Sociedade a Matemática ou Inglês. Para a criança, que ainda não pensa em termos de disciplinas, tudo é parte de uma grande investigação sobre o mundo.

Marcos do crescimento

Se algumas famílias têm dúvidas quanto ao nível de cobrança da pré-escola, a passagem para o Fundamental incita outros receios. Também aqui Káthia Kobal as tranquiliza: “Tem pais que perguntam: ‘Vai ter muita lição? Vai perder a ludicidade?’ Eu costumo responder: ‘Com o 2º ano, o aluno tem mais responsabilidades, sim. Mas também ganha alguns privilégios’”. O primeiro deles? O acesso ao pátio principal. Segundo Káthia, a transição do prédio da Educação Infantil para o prédio principal simboliza muito para o aluno (“Agora eu tenho um pátio gigante”, dizem alguns, com orgulho). “O pátio, as mesas de pebolim, a cantina, a Sala de Xadrez, tudo isso eles sentem como marcos do crescimento”.

Além disso, a transição não é brusca. Tomem-se as avaliações, por exemplo. O 2º ano do Fundamental é o primeiro ano de avaliações formais. Mas, diz Káthia, elas ainda não são agendadas previamente. “Eles não sentem como provas, mas como revisitação de conteúdo. Assim, não existe ainda aquela pressão de véspera de prova, às vezes sentida até pelos pais”.

Outra medida que ajuda a suavizar a mudança é que, uma vez por semana, os alunos do 2º ano ainda brincam no pátio do “Vitalzinho”, durante o intervalo. E alguns eventos festivos do ano também são lá, como a festa de carnaval. “É uma forma de preservar um pouco a nostalgia do pátio antigo, à medida que vão se desapegando”, diz Káthia.



Em sala de aula, no banco de areia ou no pátio: aulas regulares e brincadeiras têm a mesma importância para a descoberta do mundo, na Educação Infantil.

Imersos no idioma

Aulas de Inglês surpreendem com abordagens e materiais diversos e ensinam até mais do que o idioma.

Os alunos da professora Lúcia Fernandes não fazem ideia do que ela preparou para a aula.

Como todas as turmas do Pré I ao 5º ano do Fundamental, o 2º ano E tem, semanalmente, três aulas regulares de Inglês e uma especial, sem lições para corrigir, sem uso do livro didático, com atividades e materiais diversificados desenvolvidos pelo próprio Departamento de Inglês do Vital. Não há regra para o tipo de recurso que será usado nessas aulas especiais: num dia, os alunos podem aprender a fazer *origami*; no outro, brincam com massa de modelar; no outro, programam *videogames*. Naquele dia, os alunos de Lúcia vão plantar feijões.

Do you remember we were studying fairy tales?, pergunta a professora, mostrando cartazes com ilustrações do conto de fadas que a turma havia lido em aulas anteriores: *Jack and the Beanstalk* (“João e o Pé de Feijão”).

Os alunos se revezam em recontar de memória trechos do enredo. Alguns começam falando português, mas respondem bem aos estímulos para mudar de idioma. *What was special about the beans?*, pergunta Lúcia, sobre os feijões. “Eles eram mágicos”, diz um aluno. *They were...?*, insiste a professora. “MAGIC!”, grita a classe. Eles já estão animados, mas o melhor vem agora: é hora de botar a mão na massa. Ou melhor, na terra.

A professora anuncia: *Let's learn how to grow a bean plant!* Em duplas, os alunos recebem as ferramentas do experimento científico, repetindo seus nomes em inglês: um potinho (“*A planting pot!*”), um pouco de terra

(“*Soil!*”), carochos de feijão (“*Bean seeds!*”), um pauzinho para fazer um buraco na terra (“*A stick!*”), um regador (“*A watering can!*”). Como João ao plantar seus feijões mágicos, eles cobrem as sementes com terra e regam cuidadosamente, absortos na tarefa, seguindo as instruções da professora em inglês, quase sem perceber que estão sendo expostos ao idioma.

Se o inusitado e a variedade de abordagens de aulas como essa ajudam a manter o engajamento dos alunos, a natureza do projeto traz outra vantagem pedagógica. Desvinculadas do programa proposto pelos livros didáticos – que, nas aulas regulares, avança sistematicamente pelos conteúdos de cada série –, tais aulas dão às professoras de Inglês mais liberdade para trabalhar temas alinhados com as demais disciplinas. Como, por exemplo, uma oficina de *origami* – em inglês – que reforça a coordenação motora e o aprendizado de formas geométricas. Ou uma aula sobre *fairy tales* que ensina um pouco de Ciências.

Valorização do conhecimento

Implementadas no Vital em 2013, essas aulas especiais foram até o ano passado batizadas de “aulas de imersão”. Mas Elaine Aaltonen, coordenadora do Departamento de Inglês e idealizadora do projeto, reconhece que o nome não era o mais adequado. “A ideia era remeter a um ambiente onde a criança estivesse 100% imersa na cultura inglesa, ouvindo histórias, assistindo a vídeos, participando de brincadeiras em



Alunos do 2º ano plantam feijões. Não parece, mas eles estão aprendendo inglês.

inglês”, diz Elaine. “Mas focar nisso não fazia jus às aulas regulares, que também são imersivas – nossas professoras falam predominantemente em inglês desde o Pré I; o nível de exposição ao idioma é sempre alto”. Por isso, a partir deste ano, o projeto das aulas especiais passou a se chamar *Keep Learning*.

O material utilizado faz diferença: enquanto o livro didático foi escrito para quem aprende o inglês como segunda língua, essas aulas privilegiam vídeos, livros e canções originais, feitos para falantes nativos. Mas além disso há o foco na interdisciplinaridade e na oportunidade de repertoriar os alunos com conhecimentos gerais. Se a língua é um meio de contato com o mundo, dominar um novo idioma potencializa esse contato, o que por sua vez fortalece o aprendizado linguístico. “Os alunos são levados a adotar uma postura de valorização do conhecimento sobre assuntos próximos à sua realidade”, diz Elaine. “Isso está em pleno alinhamento com o projeto pedagógico do Colégio”.

Alinhamento que fica evidente ao se compararem os planos de estudos trimestrais do Departamento de Inglês com os das demais disciplinas.

Assim, quando os alunos do Pré I aprendem sobre alimentação saudável com o projeto Conhecer, Experimentar, Saborear (que envolve manusear e provar diferentes frutas, entre outras atividades), o projeto *Eat a Rainbow Every Day* (Coma um Arco-Íris Todo Dia) faz algo semelhante, ensinando os alunos a colocarem “mais cor” nos seus pratos (alimentação equilibrada). No Pré II, o primeiro trimestre letivo é ocupado pelos projetos Vida no Mar e *Under the Sea*, ambos trabalhando vocabulário e conceitos relativos aos animais marinhos. E, se no início do 1º ano o tema norteador é identidade e corpo humano, também no Inglês os alunos aprendem a distinguir partes de seu corpo e rosto, cantando a conhecida *Head, Shoulders, Knees and Toes* e modelando faces de massinha com olhos, nariz, boca e orelhas.

Coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I, Káthia Kobal elogia a iniciativa: “Nessa idade, a criança depende de vivências concretas para aprender. As aulas reforçam essas vivências, dando mais significado tanto para o aprendizado do idioma como para o dos demais conteúdos”.

1 Do Pré I ao 5º ano, são 3 aulas regulares e 1 aula especial (*Keep Learning*) de Inglês por semana. Em vez do material didático regular, o projeto *Keep Learning* usa recursos e atividades diversas.

2 Alinhado tematicamente às demais disciplinas, o projeto promove contato com o mundo por meio do inglês, reforçando o aprendizado linguístico e o de conhecimentos gerais.

3 A flexibilidade do projeto permite uma variedade de abordagens inovadoras que encanta os alunos, aumentando a atenção voluntária e o engajamento da turma.



Sonhos possíveis

Mais que projetos de vestibular, o Ensino Médio do Vital visa a projetos de vida.

André Rebelo está de bom humor. Em uma manhã de sol de março, ele acaba de saber que mais um aluno se classificou em uma boa faculdade por meio do Sisu, o Sistema de Seleção Unificada que usa a nota do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) como critério de seleção. Ao longo das próximas semanas, outros nomes poderão se juntar à lista dos aprovados, à medida que novas chamadas forem abertas. Mas por ora o coordenador do Ensino Médio do Vital Brazil já está feliz.

“Em termos de qualidade das aprovações, este é o melhor resultado na nossa história”, diz André. Não que os índices não tenham sido positivos também em termos quantitativos: dos 64 concluintes em 2016, ver 90% serem aprovados em alguma faculdade já é motivo de comemoração. E ter ajudado a aprovar 19 alunos na USP (Universidade de São Paulo), 16 na Unesp (Univer-

sidade Estadual Paulista), 11 na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e 41 em universidades federais traz um prazer maior para o coordenador, devido à concorrência por tais instituições. Até onde um ensino forte pode ser colocado em números, esses são bastante expressivos (*para mais destaques, veja encarte especial sobre o Vestibular 2017*).

Mas a alegria de André vai além dos números. Há algo mais que o faz vibrar, algo que também reflete ensino de qualidade e diz respeito a cada uma das aprovações em particular: a constatação de que a maioria dos alunos foi capaz de escolher – e alcançar – o curso de seus sonhos. “Nosso trabalho não pode ser um projeto de vestibular, mas um projeto de vida”, diz.

Nesse sentido, as conquistas não são contabilizadas em um único gráfico. A melhor universidade para um

aluno não é a mesma para o colega, o curso ideal para um não atende aos anseios do outro. “É preciso um trabalho de autoavaliação do aluno sobre seus interesses e aptidões; pesquisa para identificar quais cursos correspondem a eles e quais faculdades oferecem melhor retorno, em termos de mercado e de realização pessoal; avaliação do que será exigido, para que o aluno trabalhe seus pontos fracos e fortes”, diz. Se o destino não é o mesmo para todos, a função da escola é oferecer assistência individual a cada passo do caminho. E é isso que André parece ter mais orgulho de fazer.

Há dois anos, ele conta que recebeu em sua sala uma aluna com dúvidas sobre o futuro. “Ela dizia gostar de tudo, de Química a Literatura e História”. Juntos, foram atrás do “curso perfeito”; em vez de priorizarem uma área sobre a outra, abraçaram o ecletismo da jovem: “Encontramos o curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, da Federal de Minas Gerais, referência da área no País”. Com a meta definida, ela se preparou com mais foco: estudou a concorrência, os critérios de seleção, os desafios e as oportunidades. Passou em 1ª lugar.

O Enem como via de acesso

Thaiza Gonzalez já tinha dado o sonho da ECA (Escola de Comunicação e Artes), na USP, por perdido. Não passara para a 2ª fase da Fuvest e já fazia as malas para o Rio – havia sido aprovada em Comunicação Social na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Até que, aos 46 do segundo tempo, marcou um gol inesperado: o Sisu tinha aberto chamada para a lista de espera. “Entreí na ECA com a nota do Enem”, diz Thaiza, que passou em Publicidade e Propaganda.

O caso de Thaiza ilustra o valor que, segundo André, alguns alunos ainda não dão ao Enem, por não acreditarem que o exame os ajude a entrar em universidades não federais, como a USP. Neste ano, porém, 21,11% das vagas da instituição foram preenchidas pelo Sisu, das quais 597 em ampla concorrência, para não cotistas, e o número vem aumentando. Thaiza admite: “As pessoas não sabem como funciona e reclamam que no Vital tem muito simulado no modelo Enem; preferem focar na Fuvest. Eu mesma reclamava”, diz. (No Vital, a 3ª série do Médio tem 12 simulados, dos quais sete no modelo Enem – *v. encarte para detalhes*.) Thaiza está hoje em um dos melhores cursos de sua área porque sua preparação contemplou todos os caminhos possíveis.

Alguns precisam de orientação; outros, de uma dose extra de rigor. Pedro Bertin que o diga. Hoje cursando Engenharia Ambiental na Unicamp, ele agradeceu ao

ex-coordenador com uma mensagem de celular: “Andrezão, as advertências valeram a pena”, referindo-se às reprimendas por conversar em aula. André sabe ser severo quando precisa. “Tudo depende do que o aluno quer. Tirou 7 no simulado? Pode ser bom. Quer Medicina? Foi ruim”, diz o coordenador.

João Ricardi também teve dificuldades. Preciso de recuperação na 1ª e na 2ª séries do Médio, justamente em suas matérias favoritas, Química e Biologia. Com esforço próprio e a disposição dos professores em ajudar – “sempre deram abertura para a gente conversar e tirar dúvidas depois da aula” –, virou o jogo e uniu a ciência ao outro prazer: a praia. Está cursando Oceanografia na USP. Sabia não ser o curso mais promissor em termos de retorno material, mas pesou bem sua decisão: “Não quero ganhar mais dinheiro se for para ser infeliz”, diz João.

1 O Vestibular 2017 foi o melhor resultado na história do Vital, com excelentes índices de aprovações nas universidades e cursos mais concorridos do País (*v. encarte para destaques*).

2 A equipe do Vital ajuda alunos a escolher cursos estudando interesses e aptidões pessoais, ampliando o leque de opções com pesquisa e traçando planos baseados nas forças e dificuldades de cada um.

3 A preparação para o Enem vem ganhando mais importância à medida que mais universidades têm adotado o exame como critério de seleção, incluindo a USP.

Outras inteligências

1 Quem empurra quem: aprendendo a negociar vontades e a cooperar desde criança

2 Práticas esportivas: momento de trabalhar em equipe e aprender a lidar com frustrações

3 Representantes de classe: o desafio de administrar e defender os interesses do grupo

4 Voluntários acadêmicos: ajudando os colegas com dificuldades a superá-las



Daqui a 17 anos, quando uma criança hoje no 1º ano do Fundamental se formar no curso de Engenharia Civil, suas habilidades de trabalho em equipe, organização e inovação serão tão importantes quanto o domínio da tecnologia existente. Talvez até mais. O futuro médico terá de ser tão criativo e apto a resolver problemas quanto conhecedor de sua especialidade. Além de apurar e escrever bem, o bom jornalista terá de ser proativo e aberto a desafios.

Há algum tempo, especialistas em Educação são unânimes em afirmar que as competências socioemocionais cumprem papel central na formação das próximas gerações. Com um detalhe: se é difícil prever quais serão as tecnologias e o conhecimento científico das próximas décadas – isso para não falar de como será a economia e o mercado de trabalho –, é certo que habilidades como autonomia, responsabilidade, criatividade e resiliência seguirão valendo. E a escola não só é capaz de atuar no desenvolvimento dessas habilidades como pode fazê-lo desde cedo.

“Trabalhar as dimensões cognitiva e socioemocional na escola faz com que uma fortaleça a outra”, diz a diretora pedagógica do Vital Brazil, Suely Nercessian. “O desenvolvimento global do aluno é comprovadamente melhor”. Ela cita documentos como o Relatório Delors, da Unesco¹, que em 1999 definiu quatro pilares da Educação para o século XXI: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser – conceitos que claramente ultrapassam

a dimensão cognitiva do desenvolvimento humano. E cita pesquisas como a do Instituto Ayrton Senna e da OCDE², que buscam medir, de forma quantificável, a influência mútua entre componentes cognitivos e não cognitivos do aprendizado. Por exemplo, que alunos responsáveis e organizados aprenderiam um terço a mais do conteúdo de Matemática em um ano letivo, enquanto alunos autônomos e abertos a novas experiências aprenderiam um terço a mais de Português. *(Para saber mais: goo.gl/I07KrW)*

Ao contrário de Matemática ou Português, porém, não há no currículo de uma escola disciplinas especificamente voltadas para o ensino da autonomia, da organização ou da curiosidade. Mas é possível para o educador ter olhar atento e promover tais competências ao longo de toda a Educação Básica. “A chave é ser intencional”, diz Suely.

Trilhas de desenvolvimento

Brincadeira na pré-escola é coisa séria. Ou, como diria a coordenadora assistente da Educação Infantil, Renata Weffort, em linguagem mais adequada a uma pedagoga: “A Educação Infantil tem o lúdico como mediador do desenvolvimento”. Isso diz respeito também às competências socioemocionais.

Entre duas crianças que brincam, diz Renata, pode-se verificar uma dinâmica de negociação de vontades (“Vamos brincar de quê? De casinha ou de trânsito?”), de cooperação (“Quem vai ser a mamãe?

Quem vai empurrar a motoca?”) e de administração de frustrações (“Eu queria brincar de outra coisa”), sobre a qual o educador pode atuar. “Os jogos simbólicos, de faz de conta, também são tentativas de entender o mundo adulto e de se colocar no lugar de outros”, diz Renata.

Se na pré-escola as professoras falam de “atitudes favoráveis ao convívio social” – com rodas de conversa sobre sentimentos, mediação de conflitos e leituras focadas na aceitação da diversidade –, no Fundamental I o Vital já usa o termo *bullying* em projetos sobre o tema (antes disso, não se pode falar de *bullying*, que é uma intimidação mais consciente e sistemática). Uma das ações envolve a confecção de bonecos de pano com características que costumam motivar preconceitos (uso de óculos, muletas, aparelhos auditivos, etc.), que se tornam “amigos” dos alunos do 2º ano. “Mesmo sendo um boneco, ele ajuda a gente a aprender que cada um tem suas formas diferentes de ser”, relata uma aluna, hoje no 3º ano, ela própria alvo de “comentários que não tinham nada a ver, que chateavam as pessoas”. Com o projeto, diz ela, “nunca mais ouvi esses comentários”.

Outra trilha de desenvolvimento socioemocional refere-se à organização e à autonomia nos estudos. Os mesmos alunos que, nos primeiros anos de vida escolar, tinham responsabilidades simples como guardar as mochilas nos armários da sala de aula, mais tarde são cobrados por maiores compromissos. Coordenadora assistente do Fundamen-

tal II, Maria Cristina Campos cita dois materiais que o Vital dá aos alunos para ajudá-los nesse ponto. O primeiro, no 6º ano, é um guia de planejamento, organização e método de estudos chamado EU ♥ APRENDER, com dicas como anotar na agenda prazos e tarefas; usar um caderno por disciplina e escrever com clareza (“caderno é material de estudo; se não for organizado, é inútil”); ou estudar por etapas (pré-leitura, leitura, resumo, exercícios, etc.).

O segundo material vai além na autonomia do aluno e foi criado este ano. Mais que um guia genérico para todos, a partir do 7º ano os alunos respondem a questionários trimestrais que os ajudarão a identificar suas forças e dificuldades pessoais e a assumir a responsabilidade sobre seu aprendizado. “É uma ferramenta de autorregulação que os faz pensar: ‘Por que eu tirei esta nota? Meus erros são de estudo ou atitudinais? Como eu posso fazer para melhorar? Que métodos funcionam para mim?’”, diz Maria Cristina.

A evolução dos alunos é evidente. Quando chegam ao fim do Ensino Médio, eles se mostram responsáveis (consciência), capazes de tomar as rédeas da própria vida (protagonismo), de superar tropeços (estabilidade emocional), de respeitar e de cooperar com os colegas (amabilidade) – haja vista os projetos de representantes de classe e de voluntários acadêmicos –, além de questionadores, curiosos e habilidosos em solucionar problemas, de natureza intelectual ou não.



¹Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

²Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

Dilemas no laboratório

Aluna de Biomedicina da Unifesp fala de sua participação em projeto de pesquisa sobre Doença de Parkinson.



Giovana Gonçalves Gallo está no terceiro ano de faculdade e enfrenta seu primeiro dilema profissional. Ela entrou no curso de Biomedicina da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) em 2015. Em pouco tempo, tornou-se bolsista de iniciação científica, colaborando com um projeto da professora Regina Helena da Silva, responsável pelo Laboratório de Neurociência Comportamental. Regina estuda a Doença de Parkinson (DP) – mais especificamente, ela tem buscado validar modelos animais para pesquisas sobre DP.

“Para o estudo de algumas doenças e tratamentos, é necessário o uso de animais experimentais”, explica Giovana. Na pesquisa em questão, tratam-se de ratos. Ela diz que três critérios definem um modelo animal válido para pesquisa: que os animais apresentem sintomas semelhantes aos dos humanos (no caso, *deficits* motores e cognitivos); que tais sintomas tenham a mesma causa etiológica (perda progressiva e irreversível de neurônios dopaminérgicos); e que os animais afetados respondam de forma similar a humanos ao mesmo tratamento (à base de L-DOPA, hoje o fármaco mais utilizado na clínica). O modelo animal do laboratório já havia atendido aos dois primeiros critérios; faltava testar se ele reagiria à L-DOPA. Foi onde Giovana entrou.

Ao longo de um ano, Giovana ajudou a professora a testar a hipótese. “A ideia não era testar o remédio, mas o modelo animal”, esclarece. Ela explica que,

embora a eficácia da L-DOPA seja conhecida, um modelo continua sendo necessário para novos estudos. “Até porque a L-DOPA atenua os sintomas, mas não cura a doença”. Se o modelo é validado, porém, pode-se usá-lo para entender melhor as causas da doença e, quem sabe, encontrar formas de preveni-la ou curá-la.

A pesquisa foi ao encontro do que Giovana buscava ao escolher a área de Saúde: “a possibilidade de ajudar pessoas”. “Foi uma experiência muito relevante para meu futuro profissional e crescimento pessoal”, reconhece a jovem, que pode ser encontrada como GALLO, G. G. no sistema Lattes de currículos acadêmicos, no qual já registra participação em seu primeiro congresso acadêmico, com a apresentação dos resultados de sua pesquisa. Mas o trabalho com animais lhe foi desconfortável. Ainda que todo projeto seja aprovado por um comitê de ética no uso de animais, aquele não pareceu ser o seu caminho. E é esse o dilema.

Hoje, Giovana tem se aproximado, como observadora, de projetos com voluntários humanos nas áreas de cognição e memória. Mas nem sabe mais se quer atuar em pesquisa.

O que ela sabe – e isso é evidente em sua fala – é que se sente preparada para o mundo acadêmico. Atribui ao Vital uma formação acima da média e o desenvolvimento do pensamento crítico. Hábito que pode até fazê-la hesitar de vez em quando, mas que dificilmente interromperá o seu avanço.